

KANT E A LOUCURA

Kant and Madness

CONSTANTIN RAUER

Berlin/Tübingen, PUCPR/DAAD¹

Abstract: The essay describes the relationship between Kant's *Critique of Madness* written in the 1760s and his *Critique of Reason* dating from the 1780s. It attempts to reconstruct the systematics of Kant's so-called *Critical Turn*, starting with his *Essay on the diseases of the head* (1764) and his *Dreams of a Spirit-Seer* (1766), through the *First grounds of the difference of the regions in space* (1768) and the *Inaugural-Dissertation* (1770) up to his *Critique of pure Reason* (1781/87). The essay points out the way in which Kant applies his psychological insights to philosophy. Via his theory of hallucination, he arrives at the insight that all knowledge is based on projections. Starting with this premise, he examines the objective and subjective basis of rational projection, i.e. apriori reason. Again, he relates the knowledge of projection to philosophy in his examination of projections in logical judgements based on Leibniz' axioms. This leads him to the detection of three types of logical errors in logical judgement: amphibolia, paralogism, and antinomia. With the latter, his early theory of madness was integrated in philosophy. This essay points out some of the central ideas of my book, *Wahn und Wahrheit. Kants Auseinandersetzung mit dem Irrationalen* (Akademieverlag, Berlin 2007).

Keywords: Immanuel Kant. Psychology. Epistemology. Critical Turn. Dreams of a Spirit-Seer.

A seguir será analisada a influência exercida pela confrontação de Kant com o conceito de loucura no seu pensamento crítico-tardio.

Um dos motivos da ocupação de Kant com a loucura foi o erudito e visionário sueco Emanuel von Swedenborg (1688-1772). Von Swedenborg era filho do bispo luterano da Suécia, Jesper Swedeberg. Entre 1716 e 1747 foi assessor no *Bergwerkkollegiums* sueco, bem como um reconhecido erudito que havia redigido sete escritos. Em torno de 1742/43, com então 54 anos, Swedenborg precipitou-se em uma crise psíquica e religiosa que culminou em duas visões. A partir daí o visionário imaginou estar em contato imediato com o mundo dos espíritos, de modo que se sentiu chamado – por conta das suas experiências espirituais – a anunciar uma nova doutrina cristã, que fora denominada por ele de *Nova Jerusalém*. Somente entre 1749 e 1789 foram publicados aproximadamente 17 escritos, em 32 volumes, com no total mais de 10.000 páginas sobre o mundo dos espíritos e, a bem da verdade, todos eles em língua latina. O visionário é, de certa forma, uma espécie de repórter do reino dos espíritos. Ele fornece descrições minuciosas e detalhadas de todo o mundo espiritual, com todas as suas sociedades espirituais, e também captura as vozes dos espíritos nas entrevistas sobre pesquisas de opiniões que realiza com eles. Swedenborg também tem aulas de filosofia e leituras comentadas da bíblia

¹ Este artigo foi apoiado pela *Alexander von Humboldt-Foundation*; Tradução: Prof. Dr. Jorge L. Viesenteiner.

com os espíritos: de Aristóteles, recebe interpretações desta ou daquela passagem, de Johannes von Patmos sua nova doutrina cristã. Ele cita três experiências telepáticas como prova para seu contato com o mundo dos espíritos: um grande incêndio em Stockholm que ele havia simultaneamente co-vivenciado em Göteborg; uma conta que, graças a uma conversação com o espírito de um morto, ele conseguiu novamente encontrar, bem como uma conversa com a rainha sueca Ulrike, cujo conteúdo, porém, não foi conhecido de perto. No caso da rainha Ulrike, tratava-se da irmã de Frederico II da Prússia; as histórias de Swedenborg e aquelas em torno dele eram moda nos círculos aristocratas alemães, e ficaram tão famosas que chegaram até mesmo a Kant em Königsberg.

Após alguns rumores, Kant ficou sabendo de Swedenborg pela primeira vez em 1762. Tal como claramente atesta um minucioso escrito de 10 de Agosto de 1763 à senhorita Charlotte von Knobloch, Kant estava no início extremamente fascinado pelo fenômeno Swedenborg (Br. K.). Ele tentou estabelecer contato com ele, escreveu a Swedenborg (que, porém, não respondeu), enviou representantes a Stockholm que insistiam que se expressasse sobre as questões de Kant e, por fim, pediu 8 volumes de Swedenborg sobre a *Arcana Coelestia*. Quando tais volumes chegaram em Königsberg, aproximadamente 3 anos mais tarde, Kant estava horrorizado: estava claro a ele que isso se tornara o maior desgosto de sua vida. “De fato, não há nenhuma censura mais severa a um filósofo, do que aquela de credulidade e devoção na loucura” (TG II 965 A 82),² e o próprio Kant tinha se dedicado a tais filósofos por muitos anos – tal como sabia neste ínterim toda Königsberg. Sua grande decepção culmina finalmente em 1766 numa espécie de acesso de fúria, em um escrito que traz como título *Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica* – com o qual Kant se tornou rapidamente conhecido.

Entretanto, Kant não estava totalmente despreocupado tal como ele mesmo afirmava, pois durante 3 anos antes da chegada dos escritos de Swedenborg, bem como todo o tempo entre 1763 e 1766, Kant se ocupou intensivamente com o tema da loucura. Ele estuda a psicologia e psiquiatria da medicina empírica de sua época e, igualmente, a tradição da psicologia racional Wolfianiana e Baumgarteniana. Surge neste contexto toda uma série de escritos que, porém, estão de tal modo espalhados na edição das obras kantianas, que a maioria deles não são compreendidos como um corpus-textual unitário. Parece, pois, inevitável remontar novamente

² Immanuel Kant é citado segundo a edição organizada por Wilhelm Weischedel em 12 volumes. A referência começa com a sigla, seguida pelo volume em algarismos latinos e, por fim, em algarismos arábicos, a indicação da página. Para uma concordância mais precisa, são indicados os números de páginas tanto da primeira (A), quanto da segunda edição (B) da Crítica da Razão Pura. A lista com as siglas se encontra no final do texto.

aqui a cada texto no qual Kant se ocupou com a loucura. Aí é o caso, inicialmente, do texto *Ensaio sobre as doenças da cabeça* (1764). Há um texto paralelo a este na *Antropologia*, que certamente surgiu em torno de 1764, e que Kant incluiu depois de 34 anos na *Antropologia*, vale dizer, o texto *Das debilidades e doenças da alma em consideração a sua capacidade de conhecimento* (KdS). Além disso, há também anotações do espólio kantiano precisamente nas reflexões Nr. 487 até 532 (Refi Psy), a partir dos quais fica visível que se trata aí de preparações para *Ensaio sobre as doenças da cabeça*. A segunda série de textos compõe as preleções da mesma época. Estariam aí inicialmente as *Preleções sobre Metafísica* (V-MP/Herder), que foram co-redigidas por Herder e originárias dos anos 1762-64, nas quais Kant se manifesta tanto sobre Swedenborg quanto sobre a loucura. Mais importante ainda é *Informação da organização de suas preleções de meados do inverno* de 1765-66 (NEV) que anuncia precisamente o que se encontra na *Preleção sobre psicologia racional* (V-RPsy), a partir do que se pode concluir que esta preleção sobre psicologia ocorreu no semestre de inverno de 65/66. A terceira série de texto compõe finalmente os *Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica* (1766).

Dos anos entre 1763 até 1766 estão conservados no total sete textos nos quais Kant se ocupa com a loucura. De longe se percebe que, depois de 1766, Kant nunca mais lidou com a psicologia empírica e, nas épocas mais tardias, defendeu até mesmo a opinião de que a psicologia não poderia mais ser vista como uma ciência.

Isso tudo quanto ao pano de fundo contextual e textual; nos interessa, porém, como a ocupação de Kant com a loucura exerceu influência sobre seu pensamento. Para isso, deveríamos fazer uma dupla diferenciação, vale dizer, por um lado, a imediata reação de Kant a propósito da loucura e, por outro lado, que efeito durável isto teve sobre seu pensamento crítico. A primeira diferenciação se refere à época entre 1763 e 1766 e, a segunda, a todo o período posterior, especialmente aquele das *Críticas*, portanto, à época entre 1781 até sua morte em 1804. Devemos, assim, não apenas nos atentarmos a como Kant pensa as ambivalências da loucura, mas também que *posturas de pensamento* tais ambivalências desencadeiam nele.

A esta ambivalência – que é a consequência de uma cisão ou pelo menos de um compromisso impulsivo – não se pode reagir logicamente de outra maneira a não ser com uma divisão; recepciona-se uma parte do conteúdo ambivalente e se rejeita a outra. A questão é

simplesmente como aqui é dividido, onde as linhas limítrofes e de separação são postas e em qual processo se sucede tal divisão.

No que diz respeito à pessoa de Swedenborg bem como sua doutrina, Kant reage, a partir de 1766, com uma completa rejeição e censura. Ele está decepcionado, amargurado e aborrecido. Aqui algumas provas: “Em Stockholm vive um certo senhor *Schwedenberg*, sem emprego ou ocupação, de suas relativas e respeitáveis capacidades” (TG II 966 A 85). “A grande obra desse autor contém oito volumes cheio de disparates [...], nos quais ele apresenta o mundo como uma nova revelação” (TG II 973 A 38). “Tal como ele é o mais estimulante dentre todos os visionários, caso seja lícito acreditar em algo dele, da mesma forma também é o mais fantasiador dentre todos os fantasistas [...]” (TG II 966 A 84). Suas fantasmagorias [*Blendwerke*] “parecem corresponder, de fato, à intuições fanáticas” (TG II 974 A 99), elas indicam “uma efetiva doença” (TG II 950 A 54), de modo que seu autor é um “candidato” ao “hospital” (TG II 959 A 72). Segundo Kant, ele seria, “dentre todos, o mais cansado para copiar os mais selvagens disparates do pior dos fanáticos [...]” (TG II 980 A 112). Com isso, situaria “toda a matéria do espírito, um extenso campo da metafísica, como liquidada [*abgemacht*] e consumada. Ela não me toca mais em nada futuramente” (TG II 964 A 81). De fato, após estes acertos de contas gerais, Kant citará posteriormente apenas mais duas vezes o nome de Swedenborg – e o fato de o ser em sentido negativo, é absolutamente compreensivo.

Mas logo que se imagine que Kant delimitaria a loucura de Swedenborg para salvar a filosofia, então certamente se nos vamos enganar. O contrário é justamente o caso, pois Kant projeta, retrospectivamente, sua decepção intelectual sobre a filosofia. Logo no início de seus *Sonhos* ele afirma que os filósofos rabiscaram “o esboço [para a atividade de vidência de coisas futuras – C.R.] e o modificaram, ou até o rejeitaram como era de seu hábito” (TG II 923 A 3). Sobre elucubrações filosóficas ele sabe relatar muito bem que aí “ambas as partes sempre tem de dizer algo que, na maioria das vezes, não entendem absolutamente nada de seu objeto [...]” (TG II 933 A 23). Os representantes da sua própria escola, Wolff e Crusius, foram considerados como “os construtores de castelos no ar” (TG II 952 A 85), e a filosofia de Leibniz fora qualificada como “uma fábula [...] originária do país das delícias da metafísica [...], e porque deveria ainda também ser igualmente mais glorioso se deixar ludibriar pela cega confiança nos fundamentos aparentes da razão, do que pela crença leviana de contos mentirosos?” (TG II 968 A 89). Tão logo a filosofia pareça não estar livre da loucura, então pode, inversamente, “também co-existir em um grande gênio uma cintilante aparência de delírio [*Wahnwitz*]” (KdK II 898 A 28). Assim

é que a diferença entre verdade e loucura é contextualmente dependente e até querida: “eu coloco Aristides entre os mais impetuosos, Epicteto entre os mais corteses e *Johann Jacob* e *Rousseau* entre os doutores da Sorbonne. Pra mim está claro, que ouço uma gargalhada sardônica bem alta, bem como centenas de vozes a gritar: quantos *fantasiadores!*” (KdK II 896 A 26). Em todos eles, loucura e verdade não estão mais contrapostas entre si como antípodas, mas ilimitadamente misturadas e ambivalentes: à sabedoria – que se oculta sob tanta loucura – contrapõe-se uma “loucura de sabedoria” (NEV II 908 A 4) bem como uma “fantasmagoria de ciência” (NEV II 909 A 6); uma presunção filosófica da qual se segue que “as academias enviam ao mundo cada vez mais cabeças insípidas do que qualquer uma outra situação humana comum” (NEV II 908 A 4). A propósito, Swedenborg era membro de várias academias de ciência, ao passo que Kant não o era de nenhuma – embora isto também não seja nenhum critério para a verdade.

A esta aparente situação desesperadora para a filosofia, a loucura vem a ela como auxiliadora. A ocupação de Kant por vários anos com Swedenborg fora, a bem da verdade, pura perda de tempo, e o resultado de sua investigação amplamente negativo; este aspecto negativo, porém, teria seu lado positivo, qual seja, uma reflexão retrospectiva sobre a filosofia e que, doravante, a metafísica – notadamente já no texto *Sonhos* de Kant – seria definida “como uma ciência dos *limites da razão humana*” (TG II 983 A 115). Nos anos sessenta, de fato, trata-se para Kant de uma época de desenvolvimento de limites entre verdade e loucura. Já em *Doenças da cabeça* ele tinha afirmado uma relação simétrica entre racionalidade e irracionalidade, segundo a qual “as enfermidades da cabeça perturbada remontam às mais diversas espécies de categorias que correspondem ao mesmo número do que são as capacidades do ânimo [*Gemütsfähigkeiten*] que fora atacada por elas” (KdK II 892 A 22). Assim, na medida em que há três capacidades de ânimo, ou seja, entendimento [*Verstand*], razão [*Vernunft*] e faculdade do juízo [*Urteilkraft*], então, há também três perturbações para tais espécies de capacidades, que seriam: a insânia/deslocamento [*Verrückung*], o delírio [*Wahnwitz*] e a demência [*Wahnsinn*], que por sua vez, correspondem ao que hoje denominamos, respectivamente, de esquizofrenia catatônica, hebefrênica e paranóica [*katatone, die hebephrene und die paranoide Schizophrenie*]. Nas classificações das doenças do ânimo [*Gemütskrankheiten*] que Kant empreende em *Doenças da cabeça*, emergem, porém, duas ambivalências, ou seja, por um lado, entre o gênio e o delirante, bem como, por outro lado, entre o fantasiador e o visionário ou o fanático. Como ambas as ambivalências não são resolvidas, Kant então se distancia das classificações para, doravante, voltar-se aos mecanismos funcionais da loucura. Nessa época, em *Anúncio de suas*

preleções, Kant fala pela primeira vez de uma “crítica e prescrição do *entendimento saudável*” (NEV II 912 A 10), de onde fica ainda mais claro, a partir dessa formulação, à quais antípodas ela se refere, vale dizer, às cabeças doentes [*kranken Köpfe*]. Um ano mais tarde, em seus *Sonhos*, Kant escreve: “na verdade, não determinei aqui com precisão este limite [ou seja, aquele entre o entendimento saudável e as cabeças doentes – C.R.], mas o indiquei tão amplamente que o leitor o encontrará em outras reflexões; ele poderá se dispensar de toda inútil investigação em consideração à questão de para que se tem de encontrar os elementos de tais limites em um outro mundo que não aquele no qual ele se encontra” (TG II 985 A 116). Em outras palavras: sabemos muito bem que o irracional não pode ser convertido em critério da ordem das coisas, porém, não estamos nem perto de saber em que, ao contrário, um entendimento saudável poderia se basear.

Não é simples sistematizar a “reformulação do método” [*Umänderung der Denkungsart* (KrV III 25 B XVI)] que segue a experiência de ambivalência esboçada acima. E Kant aqui não nos ajuda, pois ele mais tarde deslocou por completo todo o processo de surgimento da sua virada copernicana para a *Crítica* e, em seguida, sobrescreveu com a assim denominada lembranças encobridoras [*Deckerinnerungen*]. Não nos resta mais nada a não ser perseguir as pistas que essas transformações nos foram legadas nos anos sessenta. Porém, isso também não é tão fácil, pois o processo de transformação não se sucedeu em uma via ordenada, mas sim, simultaneamente, totalmente caótica e em todos os âmbitos e planos, de modo que não se sabe bem ao certo por onde se deveria começar.

Quando se considera de uma grande distância a *reformulação do método*, questionando-se em que consiste o processo de transformação em geral, então se pode estabelecer que Kant integra à filosofia os conhecimentos que ele adquiriu através da sua confrontação teórica com a loucura, na medida em que ele, tal como ele mesmo diz, *aplica* tais conhecimentos psicológicos à lógica (GUGR II 999). Pois o interessante na consideração da loucura consiste em que as funções errôneas do pensamento tornam freqüentemente claro, o que nos escapa nas funções normais do pensamento, vale dizer, como funciona o pensamento no geral. Bleuler e Freud fizeram esta experiência nas considerações sobre a esquizofrenia, mas também Kant já havia igualmente feito tal experiência. Quais são os conhecimentos que Kant adquiriu a partir da psicologia da loucura, e como ele os aplica à lógica?

Podemos esboçar inicialmente, como inventário, que Kant introduz na segunda metade dos anos sessenta dois novos conceitos delimitadores, bem como dois novos objetos. Quanto aos

conceitos delimitadores, trata-se, por um lado, da distinção entre *uma razão a priori e uma a posteriori* (diferenciação que ele empreende pela primeira vez nos *Sonhos de um visionário* de 1766) e, por outro lado, da distinção entre *noumenon* e *phaenomenon*, que ele introduz pela primeira vez em sua *Dissertação Inaugural* de 1770. Os dois desenvolvimentos de limites já são críticos e, em ambos, Kant já emprega o instrumental teórico tal como ocorre nas épocas tardias; o único ponto, todavia, é que os conceitos ainda não estão tão precisamente determinados como na maturidade; porém, ao mesmo tempo, já caminham inequivocamente na direção crítica. Quanto aos novos objetos, trata-se, por um lado, da descoberta do *sentido interior* [des *inneren Sinns*] em uma experiência de espaço, logo, um objeto que Kant, mais tarde, atribuirá à *Estética transcendental* (mas que discute pela primeira vez no texto *Sobre o primeiro fundamento da distinção de direções no espaço*, de 1768) e, por outro lado, das *falsas conclusões lógicas* [*die logischen Fehlschlüsse*] (que ele analisa na *Dissertação inaugural* de 1770, a propósito do exemplo das teses leibnizianas) e que, mais tarde, agregará à *Dialética transcendental*. Como se chega então a estes novos objetos e desenvolvimento de limites?

Tanto a filosofia quanto em especial a escola racionalista, da qual Kant é oriundo, já são totalmente anacrônicas nos anos sessenta –, e Kant sabe que está em perda com seu pensamento. No período do Esclarecimento são predominantes as novas ciências empíricas, bem como as teorias do conhecimento do empirismo, sensualismo e materialismo que se sustentam a partir de tais ciências. Todas estas teorias, no geral, significam que querem fundamentar o conhecimento com a experiência [*Erfahrung*] e esta, por sua vez, com a experimentação [*Experiment*]. Swedenborg também se coloca nesta tradição e que, a cada três páginas de sua *Arcana Coelestia*, fala de suas *experiências com o mundo dos espíritos* e, sobre o qual, refere-se a uma quase experimentação científica, a fim de demonstrar tais experiências. Até mesmo essa questão desencadeia em Kant um extraordinário ceticismo para com todo o novo pensamento científico, bem como para com as teorias do conhecimento que se referem a ele – empirismo, sensualismo e materialismo. Está claro a Kant que se fossem possíveis apenas experiências dessa forma, prorrogar-se-ia toda normatividade [*Normativität*] que estivesse à disposição da razão. Sua reação neste ponto é precisamente a introdução de uma razão pura a priori, portanto, a reflexão retrospectiva sobre aquilo que ele, em 1765, denominou de *prescrição da razão* [*Vorschrift der Vernunft*]. No futuro, tratar-se-á para ele, por isso, de “[...] uma ciência do correto uso da razão e do entendimento, mas não subjetivamente, ou seja, não segundo princípios (psicológicos)

empíricos, tal como o entendimento pensa, mas sim objetivamente, isto é, segundo princípios a priori, tal como o entendimento deveria pensar” (Log VI 437 A 9s.). Pois é óbvio que, se Swedenborg acredita realizar experiências dessa forma com o mundo dos espíritos, isto nada tem a ver com experiências propriamente ditas, mas sim que – em resumo – algo em sua cabeça não está certo. Por isso, mais tarde, trata-se para Kant das *condições de possibilidade da experiência*, e estas condições não surgem da experiência, mas sim da constituição do pensamento e da intuição [*Anschauung*]. A consequência radical aqui é que o Kant crítico considerará como irracional todas as normatividades que se fundamentam empiricamente. Já se vê aqui como toda a questão se inverte: a consideração da loucura de Swedenborg conduz, ao final, ao reconhecimento da irracionalidade das modernas teorias científicas. A segunda noção decisiva que Kant adquire a partir da sua ocupação com a loucura é a descoberta da projeção [*Projektion*] no processo do conhecimento [*Erkenntnisvorgang*]. Trata-se do sintoma mais surpreendente dos *insanos* [*Verrückten*] que chega a aluciná-los: “A peculiaridade desta doença consiste em que o homem perturbado transfere para fora de si os meros objetos da sua fantasia [*Einbildung*], e realmente os vê diante de si como coisas atuais e presentes” (TG II 954ss A 63ss), “p.ex., um homem vê em um dia claro e sobre sua mesa uma luz incandescente, o que, porém, uma outra pessoa também ali presente não vê, ou ouve uma voz que não é ouvida por mais ninguém” (Anth XII 535 BA 151). Kant observa então que a projeção não ocorre apenas em alucinações doentias, mas também em processos do conhecimento: “Este auto-engano das sensações é bem comum e, tanto quanto tal auto-engano seja apenas mediano, ele pode ser poupado de uma tal denominação [a insânia/deslocamento – C.R.], quando na verdade uma paixão acrescida da mesma debilidade de ânimo pode se degenerar em arbitrarias ideias fantasiosas [*Phantasterei*]. Caso contrário, os homens veem através de uma cegueira comum não o que existe realmente, mas sim o que pintam suas inclinações: o colecionador de história natural enxerga cidades nas pedras de Florença, o devoto vê no mármore manchado a história da paixão de cristo, uma mulher vê, através de um periscópio, as sombras de dois amantes na lua, o sacerdote, porém, dois campanários” (KdK II 894s A 22s). Das alucinações dos insanos [*Von den Halluzinationen der Verrückten*], passando pelas assim chamadas deformações profissionais [*professionelle Deformation*], Kant chega, por fim, a prescrever o procedimento da projeção a todo processo de conhecimento. Entretanto, isto significa uma imensa revolução na teoria do conhecimento, pois tanto nas *Observations on man, his frame, his duty and his expectations* de David Hartley de 1749, como nos *Nouveaux essais sur l’entendement humain* de Leibniz (que fora escrito entre 1703-05, mas publicado somente em

1765), logo, nas teorias do conhecimento predominantes da época, o processo do conhecimento é entendido como algo puramente passivo, no qual as Ideias representam de certa maneira uma impressão do mundo exterior sobre a percepção. Kant põe toda a questão às avessas, na medida em que ele avalia que, em todo conhecimento, uma representação interna é projetada sobre um objeto, de tal modo que a pergunta não se coloca mais em termos de se é ou não realizada uma projeção, mas sim como se diferencia uma projeção racional de uma irracional.

Ao fato de que Swedenborg acredite poder se movimentar em algo através do espaço e do tempo, tal como fantasmas que atravessam pelas paredes, faz com que Kant se interesse, em imediata ligação com seu texto *Sonhos de um visionário*, pela condição racional do espaço discutida inicialmente em *Sobre o primeiro fundamento da distinção de direções no espaço* de 1768 e, na verdade, interessa-se tanto pelo espaço objetivo quanto pela percepção subjetiva do mesmo. Sua admiração aqui é tão grande que ele teve de determinar que, no que toca tanto ao conceito objetivo como o subjetivo de espaço, nada mais se tem a ganhar a não ser através da noção de projeção. Na geometria analítica o espaço exterior é construído através de uma projeção dos pontos sobre a linha, da linha sobre o plano, e do plano sobre o espaço. A distinção de direções no espaço se baseia no interior do sujeito, começando pelas distinções de esquerdo e direito, incongruente e equivalentes, como por exemplo, em uma figura geométrica que, diante de um espelho, espelha-se de forma invertida como se fosse uma defronte a outra. A imagem espelhada forma no interior do sujeito a condição para toda racionalidade, e precisamente por isso que ele indica e, simultaneamente, também pode interromper as projeções. Trata-se aí de uma visão completamente surpreendente, que dois séculos mais tarde receberia seu correlato empírico no *estádio do espelho* de Lacan. Fica evidente a partir daí, como Kant, de uma investigação sobre a alucinação, chega a uma nova teoria do conhecimento.

A próxima descoberta decisiva que Kant deve ao seu estudo sobre a loucura é a reflexão retrospectiva sobre propriamente o ponto vista subjetivo. Pois mesmo isso, os dementes, extasiados, delirantes ou sonhadores tornaram bem claro que, com uma mudança do aparato de pensamento ou da percepção, também se altera o correspondente mundo das coisas. Segue-se daqui para Kant três importantes noções. Primeiro: não faz nenhum sentido – ontologicamente – considerar as coisas em si e por si, pois o conhecimento ocorre sempre sob premissas subjetivas de intuição e pensamento; logo, podemos considerar *as coisas* apenas como *phaenomena para nós*, e devemos conceder que não podemos saber absolutamente nada das *coisas em si e por si e*, estas, por sua vez, devemos considerar como *noumena*. Segundo: tão logo se modifique – tal

como no sonho ou na demência – a intuição subjetiva, então essa não depende mais da relação do sujeito com seu objeto, mas sim da modificação do aparato do pensamento e da intuição, de onde se segue uma terceira noção, vale dizer, que então devemos investigar precisamente tal aparato, se queremos compreender alguma coisa do processo do conhecimento. Em sua teoria do conhecimento tardia, Kant torna ainda mais clara a consideração do aparato de projeção subjetivo: “[...] sem as coisas exteriores, ele [o entendimento] estaria morto – mas sem entendimento não haveria quaisquer representações, sem representações quaisquer objetos, e os objetos sem os objetos não haveria seu mundo; do mesmo modo como com um outro entendimento, que então existiria um outro mundo, o que fica claro pelo exemplo dos dementes” (SF XI 343 A 120).

Com a *Dissertação inaugural* de 1770, Kant começa a investigar a *insânia/deslocamento da filosofia* [*Verrückung der Philosophie*], na medida em que ele analisa as *projeções nos juízos lógicos* com o auxílio das teses leibnizianas, vale dizer, o princípio de contradição, o princípio de razão suficiente e a doutrina das mônadas, bem como com o auxílio dos conceitos também leibnizianos de tempo, espaço e número. Kant pode provar com todas as teses leibnizianas que, com elas, aquele que pensa sempre projetará algo dentro do pensado [*das Denkende in das Gedachte hineinprojiziert wird*]. Com esta análise dos processos de projeção nos juízos lógicos, Kant encontrou já em 1770 três tipos de projeção, ou seja: 1. *a projeção do subjetivo sobre o objetivo*, em que “os limites, nos quais está circunscrita a capacidade de conhecimento humano, são considerados por aqueles para quem a essência da coisa mesma pode ser sistematizada” (MSI V 19); 2. *a projeção do inteligível sobre o sensível*, em que o “sensível, tal como o quadrado com a circunferência, fica inapropriadamente misturado com o inteligível” (MSI V 91), de modo que “a permuta do inteligível com o sensível é um ilícito erro metafísico (um phaenomenon intelectualizado [ou seja, um sensível intelectualizado – C.R.], caso seja permitido uma tal expressão descabida)” (MSI V 87); bem como, por fim, 3. *a projeção do predicado sobre um sujeito gramatical*, em que as conclusões ficam “invertidas à toa” (MSI V 97). Na verdade, estas projeções ainda não são as falsas conclusões lógicas da razão pura – isto é, a anfibolia, o paralogismo e a antinomia –, porém, elas já vão visivelmente nesta direção.

Para elucidar como as próprias projeções da razão são remontadas à loucura, recomenda-se comparar a *definição de loucura* de Kant com sua *definição de anfibolia*. – A “loucura”, escreve Kant, “é o erro no qual se toma por igualmente válida a mera representação de uma coisa

com a coisa mesma. Assim, na parábola do rico avarento, a loucura avara consiste em que ele considera como suficientemente compensatória a representação de poder se servir de sua riqueza tão logo ele queira, quando, no fundo, ele jamais chega a se servir dela. A loucura das honras põe nos elogios que os outros nos dirigem – no fundo uma mera representação externa de uma consideração (que talvez sequer são sentidas interiormente por eles) – um valor que de modo algum se poderia atribuir, senão apenas a esta última; pertence a isto também a ânsia por títulos e distinções, pois são apenas representações externas de uma suposta prerrogativa que se tem diante de outros. Mesmo a demência possui este nome, pois ela toma uma mera representação (a capacidade imaginativa [*Einbildungskraft*]) pela coisa mesma existente, atribuindo-se o valor dessa” (RGV VIII 839 B 256 A 242 Fn.) – No que toca à anfibolia, Kant a define como “uma confusão entre o objeto puro do entendimento e o fenômeno” (KrV III 292 A 270 B 326), em que “a fantasmagoria [entenda-se a projeção – C.R.]” consiste “em tomar a possibilidade lógica do conceito [...] pela possibilidade transcendental das coisas” (KrV III 273 A 244 B 302). Como se vê, as definições de loucura e aquela de anfibolia são quase idênticas; só porque, na anfibolia, trata-se de uma loucura filosófica, que por sua vez, consiste em ver qualidades nas coisas que apenas aparecem nas ou sobre as coisas, porém, de fato, são reconduzidas aos óculos de nosso próprio aparato de intuição e pensamento. A consequência dessa conclusão falsa é uma intelectualização da matéria – ou seja, uma loucura.

Se a *anfibolia* representa a mais significativa loucura filosófica, ela também não é, porém, a única. Também o *paralogismo* pode ser compreendido como uma loucura; o único ponto, porém, é que neste caso não se é projetado sobre o objeto, mas sim retrospectivamente sobre o sujeito, que por sua vez é, com isso, substancializado. Se na anfibolia fora feita uma intelectualização da matéria, no paralogismo, ao contrário, fazemos uma materialização do inteligível. Falta então a *antinomia*, na qual reencontramos de maneira exata a figura de pensamento da ambivalência, na medida em que pode ser demonstrada para uma e mesma coisa tanto a existência como a não-existência. Também aqui se trata de uma projeção, na medida em que os predicados são superestimados e transferidos para o sujeito gramatical. Então, do onipotente, conclui-se, por exemplo, a onipotência e, com isso, substancializado de uma forma paranóica um predicado. O que é mais admirável é que aqui reencontramos, na *dialética transcendental* da razão pura, a antiga relação do espelho originária de *Doenças da cabeça*: assim, poderíamos compreender a anfibolia como uma insânia/deslocamento [*Verrückung*] do

entendimento, o paralogismo como uma delírio [*Wahnwitz*] e a antinomia como uma demência [*Wahnsinn*] da faculdade de julgar.

Com isso, todo o completo questionamento e Topoi da teoria do conhecimento kantiana – e precisamente isso é o que se deveria ter mostrado com esse artigo –, remonta à sua confrontação inicial com a loucura. Entretanto, caso tivéssemos mais tempo, também se poderia mostrar que, igualmente a *segunda Crítica* de Kant, logo tanto sua ética quanto especialmente o *imperativo categórico*, tem de ser compreendida como construção-anti-loucura: isto é, sob que premissas racionais os homens podem se entender, ali onde, porém, as opiniões e ações são diametralmente opostas. Por fim, Kant é o primeiro moderno que reconhece na religião uma loucura e, em seu escrito sobre religião de 1793, logo no ano do *Grande Terreur*, analisa de maneira bem precisa justamente tal loucura. Além disso, é alguém também à frente do seu tempo, na medida em que ele prognostica: “A loucura supersticiosa [...] é de longe aparentada com a razão, e censurável apenas de maneira casual [...]; inversamente, a fanática loucura da religião é a morte moral da razão” (RGV VIII 846s B 267s A 252s).

Sigla da obra completa de Kant

- AA** (= *Akademieausgabe*)
Kants gesammelte Schriften, hrsg. von der Königlich Preußischen Akademie der Wissenschaften, Berlin 1900ff
- WW** Immanuel Kant. Werkausgabe in 12 Bänden, Hrsg Wilhelm Weischedel, Frankfurt am Main 1968.

Sigla dos escritos de Kant

- 1762/64 V-MP/Herder** *Aus einer Metaphysik-Vorlesung (Text nach AA 28, S. 113 f.; Metaphysik Herder - 1762-64), in: Immanuel Kant, Träume eines Geistersehers, erläutert durch Träume der Metaphysik, textkritisch herausgegeben und mit Beilagen versehen von Rudolf Malter, Stuttgart 1976, S. 107 f.*

- 1763 NG** Versuch, den Begriff der negativen Größen in die Weltweisheit einzuführen (*WW, II* 779-819)
- 1763 Br K.** *Brief an Fräulein Charlotte von Knobloch (10. August 1763). Text nach AA 10, S. 43-48; Brief Nr. 29*, in: Immanuel Kant, *Träume eines Geistersehers, erläutert durch Träume der Metaphysik*, textkritisch herausgegeben und mit Beilagen versehen von Rudolf Malter, *Stuttgart 1976, S. 99-106.*
- 1764 KdK** Versuch über die Krankheiten des Kopfes (*WW, II* 887-901)
- 1764? Refi Psy** *Reflexionen zu den Krankheiten des Kopfes, die Nummern 487 bis 532* (in: *Reflexionen zur Anthropologie AA Bd. 15, I, S. 206-241*).
- 1764? KdS** Von den Schwächen und Krankheiten der Seele in Ansehung ihres Erkenntnisvermögens (in: *Athr WW, XII* 512-537).
- 1765 NEV** Nachricht von der Einrichtung seiner Vorlesungen in dem Winterhalbenjahre von 1765-66 (*WW, II* 907-917)
- 1765/66? V-RPsy.** Vorlesung über rationale Psychologie (*AA, XXVIII.1* 262-301)
- 1766 TG** Träume eines Geistersehers, erläutert durch Träume der Metaphysik (*WW, II* 923-989)
- 1768 GUGR** Von dem ersten Grunde des Unterschiedes der Gegenden im Raume (*WW, II* 992-1000)
- 1770 MSI** (= *Inaugural-Dissertation*)
De mundi sensibilis atque intelligibilis forma et principiis
Von der Form der Sinnen- und Verstandeswelt und ihren Gründen (V 7-107)
- 1781A**
- 1787B KrV** Kritik der reinen Vernunft (*WW, III u. IV*)
- 1783 Prol** Prolegomena zu einer jeden künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können (*WW, V* 109-264)

- 1793 RGV** Die Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft
(*WW, VIII 645-879*)
- 1798 SF** Der Streit der Fakultäten (*WW, XI 261-393*)
- 1798 Anth** Anthropologie in pragmatischer Hinsicht (*WW, XII 395-690*)
- 1800 Log** Logik, ein Handbuch zu Vorlesungen
(*in Kants Auftrag hrsg. von G. B. Jäsche, in: WW, VI 417-567*)